

Esta luz, este fogo que devora.
Esta paisagem gris que me rodeia.
Esta dor por uma só ideia.
Esta angústia de céu, mundo e hora.

Este pranto de sangue que decora
lira já sem pulso, lúbrica teia.
Este peso do mar que me golpeia.
Este alacrão que em meu peito mora.

São grinalda de amor, cama de ferido,
onde sem sono, sonho tua presença
entre as ruínas de meu peito oprimido.

E ainda que busque o cume da prudência,
me dá teu coração vale estendido
como cicutu e paixão de amarga ciência.

Chagas de amor.

Noite acima os dois com lua cheia,
eu me pus a chorar, e tu rias.
Teu desdém era um deus, as queixas minhas
momentos e pombos em cadeia.

Noite abaixo os dois. Cristal de pena,
choravas tu por fundas distâncias.
Minha dor era um grupo de agonias
sobre teu débil coração de areia.

A aurora nos uniu na cama,
as bocas postas no jorro gelado
de um sangue sem fim que se derrama.

E o sol entrou pelo balcão fechado
e o coral da vida abriu seu ramo
sobre meu coração amortalhado.

Noite do amor insone.

Obra Poética Completa Federico García Lorca, tradução de William Agel de Mello, Martins Fontes 1999, Gentileza de Gérson Levi- Mendes
De: Sonetos inéditos. ▲ O poeta pergunta a seu amor pela "Cidade Encantada" de Cuenca.

Santo António de Lisboa
é santo casamenteiro.
Namorados abençoa,
faz milagre o ano inteiro.

Angelica Villela Santos, 0906
Trinos do Pitiguarí: R Guanabara 542
59014-180 – Natal/RN

A casa quase vazia
mostra ao ator, numa trama,
que outro drama se inicia
quando ele encerra o seu drama.

Nem sombra do que nós fomos.
Mas no tempo eternizados,
hoje em dia apenas somos
dois eternos namorados...

Analice Feitoza de Lima, 1106
Fanal: Rua Álvares Machado 22, 1º
01501-030 – São Paulo/SP

Ao te esperar, na agonia,
entre o dilema e a incerteza,
minha vida é tão vazia
que transborda de tristeza.

Numa hora de solidão,
conquistei a terapia:
abrandou-me o coração,
a eterna voz da poesia!

Dina Marchetti Abad, 1106 A Voz
da Poesia: Rua dos Bogaris 183
04047-020 – São Paulo/SP

"Boa viagem" – perdoa
mas te atender não consigo
que a viagem só é boa
quando tu segues comigo!

Gostaste da cidade que gota a gota
lavrou a água no centro dos pinheiros?
Viste sonhos e rostos e caminhos
e muros de dor que o ar açoita?

Viste a greta azul de lua rota
que o Júcar molha de cristal e trinos?
Beijaram teus dedos os espinhos
que coroam de amor pedra remota?

Lembraste de mim quando subias
o silêncio que sofre a serpente,
prisioneira de grilos e de umbrias?

Não viste pelo ar transparente
uma dália de penas e alegrias
que te mandou meu coração quente?

▲ O poeta pergunta a seu amor...

Federico Garcia Lorca, Ao ouvido de uma moça (veja SF9805,
de: Canções. Idem.

Como é gratificante
estar de bem com a vida,
usufruir e estar tranquilo
com as coisas acontecidas!

Humberto Oriá, 1006 Binóculo
ivonildodias@secrel.com.br
jbatista@unifor.br

Quando em papos desconexos,
meu avô ouviu falar
da tal da guerra de sexos,
foi correndo se alistar!

Para o meu amor de infância
veja o destino que coube:
eu a amei tão à distância
que ela, coitada, nem soube...

Lacy José Raymundi, 1008
O Patusco: Caixa Postal 95
61600-970 – Caucaia/CE

É inverno... e ao vê-la passar
num shortinho tentação,
eu mal consigo esperar
a chegada do verão!

Foste embora... em minhas preces
vivo sempre a suplicar
que por milagre regresses,
mas... venhas para ficar!

Thereza Costa Val, 0706 Trovaregre
Pça. Sen. José Bento 162, Ap 301
37550-000 – Pouso Alegre, M

Senti, no suave cheiro
que o vento me trouxe agora,
que o vento passou primeiro
pela rua onde ela mora!

Federico Garcia Lorca, Ao ouvido de uma moça (veja SF9805,
de: Canções. Idem.

Arlindo Tadeu Hagen, Trova Brasil nº 1, dez/2012 – <http://singrandohorizontes.blogspot.com.br>

Velhos deitados: É muito bom ser importante, mas o importante mesmo é ser bom.

SELEÇÕES MENS AIS FAZER E ENVIAR ATÉ TRÊS HAICUS

Até o dia 30.06.13, enviar até 3 haicus de quigos: Cata-vento (brinquedo), Dia da Imprensa, Pandorga.

Até o dia 30.07.13, enviar até 3 haicus de quigos: Bicho-preguiça, Leque, Rosa.

Enviar para: Manoel Fernandes Menendez

Rua Des. do Vale 914, Ap 82
05010-040 - São Paulo, SP

ou mfmendez@superig.com.br



1. Preencher até três haicus, (veja quigos ao lado, à escolha) em uma única ½ folha de papel, com nome, endereço e assinatura. Despachá-la normalmente pelo correio e/ou e-mail com nome, endereço e CEP do remetente, até o dia 30 do respectivo mês.

2. Posteriormente o haicuista receberá, devidamente numerada, a relação dos haicus desse mesmo mês (sujeita a possíveis falhas no texto e sem a devida correção em tempo hábil), afim de selecionar 10% deles.

3. A folha conterá o nome do haicuista selecionador (em cima e à direita do papel) e, em seguida, um abaixo do outro, o número e o texto de cada haicu assim escolhido. Não se escolherá haicus de própria lavra, pois serão anulados, bem como os que forem destinados a haicus cujo autor deixar de votar.

4. O resultado (somatório de todos os votos assim enviados), será dado por volta do dia 10 do mês seguinte.

QUIDAI S DE INVERNO

– TEMAS DE INVERNO

Preservando o verde,
sementes plantadas.
Dia do Meio Ambiente.
Ailson Cardoso de Oliveira

Pela noite aforsa
o minuanu assobia
a lareira brilha.
Alba Christina

Sirene parada,
debruça-se sobre o corpo.
Dia do Bombeiro.
Iracema Gomes

Coceira gostosa,
roçando o pé no lençol,
bicho-de-pé.
Maria App. Picanço Goulart

No pasto do sítio,
lindo beijeiro em flor.
Bem carregadinho.
Mª Marlene N. T. Pinto

No quartel
reuzem todos os carros.
Dia do Bombeiro.
Neuza Pommer

Galgar pau de sebo
...tanto esforço para nada.
Tem sebo até n' alma!
Olga Amorim

HAICUS BRASILEI ROS EM FOLHA

Às pitangas, bem-te-vi
vai bicando, ai-ai cai
uma aqui outra ali. L
Alberto Siuffi

Pitangas maduras
forram o chão de vermelho,
atraindo pássaros. A
Angelica Villela Santos

Em frente à capela
barraquinhas da quermesse
atraem o povo. D
Angelica Villela Santos

No jardim florido
destaca-se a azaleia;
arbustos carregados. L
Angelica Villela Santos

Na festa da praça,
barraquinhas enfeitadas
informam: Quantão. L
Angelica Villela Santos

Azaleia em flor
é a atração do jardim
enfeitando a praça. D
Argemira F. Marcondes

Enfeita a varanda
pé de azaleia em flor:
atrai colibri... F
Djalda Winter Santos

Menino contente:
no quintal da sua casa,
pitangas maduras. F
Djalda Winter Santos

Festança na Igreja:
é o dia da quermesse.
Quantas barraquinhas! L
Djalda Winter Santos

Crianças brincando
se abraçam ao pau de sebo,
tentando subir.
Djalda Winter Santos

Ao lado da rua
descobre o sol da manhã
azaleia florida. F
Elizabeth Krinski Beraldo

Pitanga madura
no cantinho do quintal
banquete de pássaros. F
Elizabeth Krinski Beraldo

Tem quermesse sim
e os meus passos vão certos
pipoca quentinha. L
Elizabeth Krinski Beraldo

Na loja de flores,
plantada em vaso vermelho.
Azaleia branca.
Flávio Ferreira da Silva

Gente em volta
e o aro girando.
Quermesse. L
Manoel F. Menendez

As folhas
encimadas.
Azaleias. L
Manoel F. Menendez

Crianças no muro
à sombra.
Pitangas. L
Manoel F. Menendez

Demonstrações
ao público, de coragem.
Dia do Bombeiro.
Manoel F. Menendez

O chão, todo branco,
e a paina flutuando.
Manhã no clube.
Manoel F. Menendez

Festa escolar,
os jovens caipiras brincam.
Adultos, quantão.
Manoel F. Menendez

Reunião de amigas
confidências e risos.
Suco de pitanga. A
Marilena Budel

No pátio da capela
as barraquinhas enfeitadas.
Dia de quermesse. F
Marilena Budel

No fim da tarde
o jardineiro a podar.
Azaleia branca. L
Marilena Budel

Árvore frondosa
carregada de pitangas –
pássaros em festa. A
Renata Paccola

Árvore de azaleias
derrama flores ao chão –
tapete vermelho. F
Renata Paccola

Quermesse na Igreja.
Cheiro forte de quantão
atrai vizinhança. L
Renata Paccola

Durante a quermesse,
torneio de pau de sebo.
Meninos ensaiam.
Renata Paccola

Zum-zum no arvoredo.
Aves no chão e nas árvores.
Pitangas vermelhas.
Roberto Resende Vilela

A F L O R B R A N C A

Yasunari Kawabata 1899-1972. Contos da palma da mão, *Shiroi bana*, 1924: tradução Meiko Shimon, 2ª edição, Editora Estação Liberdade Ltda., www.estacaliberdade.com.br

Casamentos consanguíneos repetiram-se por gerações. Os membros de sua família foram morrendo de tuberculose, um após outro.

Ela também tinha ombros muito delicados. Se um homem a abraçasse, ele ficaria espantado.

Uma mulher gentilmente lhe dissera: – Tenha muito cuidado com quem vai casar. Evite homens fortes. Que seu marido seja do tipo que pareça delicado, mas sem nenhuma doença, tenha pele bem alva, mas sem ameaça do mal de peito... Um tipo que se senta corretamente, não beba e seja sempre muito

sorridente...

Porém, ela gostava de sonhar com os braços fortes de um homem. Tão fortes que, se ela fosse apertada pelos braços dele, suas costelas se quebrariam com estalidos.

Embora seu rosto tivesse uma expressão límpida, às vezes ela esboçava um gesto desafiador. Era como se estivesse flutuando de olhos fechados, solitária no mar de sua vida. Como se deixasse levar-se pela correnteza. E isso a tornava uma mulher sensual.

Um dia chegou uma carta de um primo.

"Enfim, fui atacado. Meu pulmão. Chegou a hora do meu destino, que desde criança eu esperava. Estou calmo. No entanto, tenho uma única coisa a lamentar: por que não lhe pedi, quando tinha boa saúde, para beijar sua boca? Rogo a Deus que seus lábios não sejam maculados por bactérias da tuberculose!"

Ela correu para os braços do primo. E não demorou muito para que fosse levada a um sanatório situado numa região litorânea.

Um jovem médico dedicou-se a cuidar dela como se fosse sua única paciente. Todos os dias

ela a levava até a ponta do promontório, numa espreguiçadeira forrada de tecido macio, que mais se parecia com um berço para embalar o bebê. Os bambuzais distantes brilhavam sempre à luz do sol.

Era a hora de o sol despontar.

– Ah! A senhorita está finalmente restabelecida. E completamente. Como eu esperava pelo dia de hoje!

Dizendo isso, o médico a levantou da espreguiçadeira colocada sobre a rocha como quem carrega uma criança.

– Como aquele sol que desponta, sua vida também renasce. Não entendo por que aqueles navios no mar não içam bandeiras cor-de-rosa. A senhorita me perdoa, não é? Pois esperei o dia de hoje com dois corações: o de médico, que cuida de sua saúde, e o meu próprio... Com quanta impaciência esperei o dia de hoje! Como sofri por não poder abandonar a minha consciência médica! Agora a senhorita está restabelecida por completo. Está tão forte a ponto de poder expressar com todo o seu corpo as suas emoções... Por que o mar não se tingiu de cor-de-rosa?

Ela olhou o médico com gratidão. Depois, desviou o olhar para o infinito do mar... e esperou.

Porém, nesse instante, ela se surpreendeu ao se dar conta de que não possuía um mínimo de consciência da castidade. Porque desde criança ela se confrontava com sua morte. Por isso, não acreditava no tempo. Não acreditava na continuidade do tempo. Não havia razão de se

preocupar com a castidade.

– Com quanta emoção eu contemplava o seu corpo! – continuou ele. – Mas, ao mesmo tempo, com quanta racionalidade eu contemplava cada recanto desse mesmo corpo. Para um médico, a senhorita foi um laboratório.

– Mas, como?!

– Um laboratório tão belo... Não fosse pela minha vocação de médico, minha paixão a teria matado há muito.

Então, ela sentiu repúdio por esse médico. Como se rejeitasse o seu olhar, endireitou-se e ajeitou as vestes.

Um jovem escritor que estava no mesmo sanatório lhe disse:

– Parabéns a nós. Vamos deixar o sanatório no mesmo dia.

No portão, eles entraram no automóvel que os levou através do pinheiral.

O escritor esboçou colocar o braço nos

ombros delicados da mulher. E ela tombou sem forças sobre ele, como se fosse um leve objeto.

Os dois partiram numa viagem.

– É o alvorecer cor-de-rosa da nossa vida – disse o escritor. – A sua manhã, a minha manhã, que extraordinário haver duas manhãs neste mundo! É algo extraordinário! As duas manhãs se fundem numa só. Que maravilha! Escreverei um romance intitulado “Duas manhãs”.

Ela levantou o olhar cheio de júbilo para o escritor.

– Veja isto – continuou ele. – É o esboço que eu fiz a seu respeito na época em que estivemos no hospital. Mesmo que você tivesse morrido e eu também, nós teríamos vivido neste romance. Mas agora temos duas manhãs. A beleza transparente do caráter sem caráter. Você emana beleza como uma fragrância invisível aos olhos, como o pólen das flores que perfumam o campo primaveril. Meu romance encontrou uma belíssima alma. Como poderei descrevê-la em

palavras? Ponha, por favor, sua alma aqui na palma da minha mão, como se fosse um cristal! Farei o esboço de sua alma com as palavras...

– Mas, como?!

– É um material tão belo! Se eu não fosse escritor, nem com minha paixão eu poderia fazer você viver até um futuro distante.

Nesse momento, ela sentiu repúdio pelo escritor. Como se rejeitasse seu olhar, endireitou-se e se sentou ereta no banco.

Ela estava sentada sozinha no seu quarto. O primo morrera há algum tempo.

– Cor-de-rosa. Cor-de-rosa.

Olhando sua cútis branca que se tornava cada vez mais transparente, ela se recordava da palavra “cor-de-rosa”, e ria.

“Se algum homem me desejasse com uma única palavra...”, pensou, sentindo que concordaria com um aceno de cabeça. E sorriu.

O S I N I M I G O S

Yasunari Kawabata 1899-1972, Contos da palma da mão, *Teiki*, 1924; tradução Meiko Shimon, 2ª edição, Editora Estação Liberdade Ltda., www.estacao-liberdade.com.br

Uma atriz cinematográfica chora na penumbra, derramando copiosas lágrimas. Ela assiste a um filme em que atua no papel principal.

No passado, seus pais foram seu primeiro inimigo; seu irmão mais velho, o inimigo seguinte. Por isso, desde então, todo e qualquer homem se tornara seu inimigo; todo ser humano lhe parecia inimigo. E, assim toda vez que aumentava seu cartel de inimigos, ela descia mais um passo na escada da escuridão do abismo.

Nesse momento, na tela, uma graciosa adolescente representada por ela própria estava sendo vendida pelos pais a um homem.

Ela que assiste e ela que é observada; as duas choram ao mesmo tempo. À medida que o filme se desenvolve, as duas sentem, como um único ser, a mesma dor de terem tido sua virgindade roubada.

Não que ela recordasse aquele terrível momento do passado, mas sente agora, nesse instante, que o revive no seu próprio corpo. Quando filmava a cena, ela também não representava, sentia no seu corpo aquela experiência dolorosa do passado.

Isto quer dizer que sua virgindade fora violentada três vezes. Em outras palavras, por três vezes fora virgem.

No mais intenso momento dessa sua terceira experiência trágica, um homem e uma mulher são conduzidos para os assentos da sua frente. Por pouco, ela ia falar com eles. Eram uma atriz e o diretor do mesmo estúdio.

Nesse instante, a outra atriz se vira para o diretor, exibindo seu perfil branco diante do rosto em lágrimas da personagem na tela, e sussurra no ouvido dele:

– Olhe só! Não disse que ela não se parece nada com uma ingênua garota virgem. O corpo dela já está decadente. Ui! as linhas do busto...

“Ai, que vontade de matá-la!” Como se fincasse espadas no chão, ela enrijece os joelhos, quase se levantando de sua cadeira.

Pela primeira vez, ela se separou com um inimigo de verdade.

Naquele exato momento, essa outra atriz arrebatara sua virgindade pela quarta vez. E dessa vez não foi deixado nem mesmo um traço ou uma sombra.

Um homem jamais rouba verdadeiramente a virgindade de uma mulher.

A L U A

Yasunari Kawabata 1899-1972, Contos da palma da mão, Tsuki, 1924; tradução Meiko Shimon, 2ª edição, Editora Estação Liberdade Ltda., www.estacao-liberdade.com.br

Ser homem e virgem – parece que é isto o que me causa o maior incômodo. Trata-se de uma bagagem pela qual não tenho apego, e que poderia ter jogado no lixo ou num rio à penumbra quando caminhasse por alguma ruela ou sobre uma ponte. Porém, acabei saindo para essa rua pavimentada, tão bem iluminada pela luz elétrica e cheia de transeuntes, e já não era mais possível encontrar um lugar para abandonar essa minha bagagem. Além disso, se alguma mulher me observasse curiosa, querendo saber o que havia naquele pacote, eu ficaria um tanto embaraçado. Ainda mais que já venho arrastando esse peso até hoje e não sinto vontade de atirá-lo, simplesmente, aos cachorros à beira da estrada. Contudo, como tenho sido assediado por várias mulheres nos últimos tempos, tenho a incômoda sensação, cada vez mais e continuamente, de caminhar com tamancos japoneses, tendo a neve socada entre seus dentes altos. Como me sentiria leve e feliz se pudesse correr, livremente, de pés descalços sobre a neve!

Ele ficava matutando essas coisas.

Uma mulher estava parada, em pé, à cabeceira do leito dele, estendendo sobre os tatames. Ela então, súbita e bruscamente, caiu de joelhos, jogando-se sobre ele, e aspirou seu cheiro com avidez.

Uma outra mulher estava recostada no parapeito da varanda do segundo andar; quando, por brincadeira, o rapaz fingiu empurrar-lhe os ombros, ela agarrou-se a ele assustada. Mas logo que ele soltou as mãos, fingiu que ia cair outra vez, arqueando o corpo sobre o parapeito e olhando o próprio busto, esperando por ele.

Uma outra mulher lavava-lhe as costas no banho, quando a mão

que segurava o ombro dele começou a tremer violentamente.

Uma outra mulher, que num dia de inverno estava sentada com ele numa sala, saiu correndo, de repente, para o jardim, e caiu de costas sobre o divã do caramanchão, apertando com força a cabeça entre os cotovelos.

Uma outra mulher ficou completamente imóvel quando por brincadeira ele a abraçou por trás.

Uma outra mulher que fingia dormir, no momento em que ele pegou sua mão, apertou os lábios com força e enrijeceu o corpo, arqueando-se.

Uma outra mulher entrou no quarto do rapaz, quando ele estava ausente, numa hora avançada da noite, para levar trabalhos de costura, e ficou sentada como uma pedra. Quando ele voltou, ela ficou ruborizada até as orelhas, e com a voz presa na garganta disse uma mentira esquisita: “Vim para pedir emprestada a luz do seu quarto.”

Uma outra mulher sempre ficava chorando na sua frente.

Quando muitas outras mulheres mais jovens conversavam com ele, os assuntos sempre acabavam sendo histórias sentimentais sobre suas vidas; por fim, elas emudeciam como se tivessem perdido as forças para se levantarem e ficavam sentadas imóveis.

Sempre que chegavam esses momentos, no entanto, ele se recolhia num silêncio constrangedor. Ou então dizia:

– Decidi não aceitar os sentimentos de ninguém a não ser o de uma mulher com quem possa unir minha vida para sempre.

Quando o rapaz chegou aos 23 anos, a quantidade de mulheres daquele tipo aumentara mais e mais. Com isso, o muro que protegia sua virgindade foi ficando cada vez mais espesso.

Houve até uma mulher que começou a dizer que não queria mais ver o rosto de ninguém a não ser o dele. Ela começou a passar os dias completamente alheia a tudo. Ele pensou que, se não cuidasse dela, ela morreria de inanição. Assim, pareceu-lhe que, mesmo sem compartilhar a vida nem aceitar os sentimentos delas, aumentaria cada vez mais o número de mulheres que ele teria de cuidar. E deu uma risada.

– Nesse caso, como não possuo quase nada de bens, logo acabarei falido.

Quando chegasse essa hora, ele se tornaria mendigo, carregando, como sempre tem feito, sua única bagagem: a sua virgindade. E iria para uma terra distante, vestindo trapos e montado no jumento de seus sentimentos, que haviam enriquecido por ele ter recebido sempre sem nunca retribuir.

Por ele brincar assim com a imaginação, seu coração se encheu dos ricos sentimentos que havia no seu íntimo. Contudo, ainda acreditava que não haveria neste mundo mulher alguma com a qual ele gostasse de compartilhar a vida.

Por erguer o olhar para o céu, viu a lua cheia. Solitária no alto por estar resplandecente demais. Ele então estendeu os braços à lua e disse:

– Ô lua! Eu te darei meus sentimentos!

O rio Guadalquivir corre entre laranjeiras e oliveiras. Os dois rios de Granada baixam da neve ao trigo.
Ai, amor que foi embora e não voltou!
O rio Guadalquivir tem barbas granadinas. Os dois rios de Granada, um, pranto; e outro, sangue.
Ai, amor que se foi pelos ares!
Para os barcos de vela Sevilha tem um caminho; pelas águas de Granada só remam os suspiros.
Ai, amor que foi embora e não voltou!

Guadalquivir, alta torre e vento nos laranjais. Dauró e Genil, torrezinhas mortas sobre os reservatórios.
Ai, amor que se foi pelos ares!
Quem diria que a água leva um fogo-fátuo de gritos!
Ai, amor que foi embora e não voltou!
Leva flor de laranjeira, leva olivas, Andaluzia, a teus mares.
Ai, amor que se foi pelos ares!
1 Baladina dos três rios.

Começa o pranto da guitarra. Quebram-se os copos da madrugada. Começa o pranto da guitarra. É inútil calá-la. É impossível calá-la. Chora monótona como chora a água, como chora o vento sobre a nevada. É impossível calá-la. Chora por coisas distantes. Areia do Sul quente

que pede camélias brancas. Chora flecha sem alvo, a tarde sem manhã, e o primeiro pássaro morto sobre o ramo. Oh! guitarra! Coração malferido por cinco espadas.
1 A guitarra.
Ouve, meu filho, o silêncio. É um silêncio ondulado, um silêncio onde resvalam vales e ecos e que inclina as frentes para o chão.
1 O silêncio.

As mãos de meu carinho te estão bordando uma capa com bordados de alélis e com esclavina de água. Quando tu foste meu noivo, pela primavera branca os cascos de teu cavalo quatro soluços de prata. A lua é um poço pequeno, as flores não valem nada, o que vale são teus braços quando de noite me abraçam, o que vale são teus braços quando de noite me abraçam.
2 Zorongó

Cada canção é um remanso do amor. Cada luzeiro, um remanso do tempo. Um nó no tempo. Em cada suspiro um remanso do grito. 3 Cada canção.
Toma a aliança que usaram teus avós. Cem mãos, sob a terra, sentem falta dela.
4 Fada.

O punhal entra no coração como a relha do arado no ermo. Não não mo craves. Não. O punhal, como um raio de sol, incendeia as terríveis funduras. Não. Não mo craves. Não. 1 Punhal.